

OS MOVIMENTOS SOCIAIS NO MÉXICO, BRASIL E CUBA NA DÉCADA DE 1990. Tiago Vieira Rodrigues Dumont, Odair da Cruz Paiva. - Humanas - Ciências Sociais - Departamento de Ciências Sociais - Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus Marília.

A compreensão sobre os dilemas sociais, econômicos, e políticos presentes na América Latina podem também ser explicados pela inserção dessa parte do continente no contexto geopolítico mundial. A região é caudatária de uma história colonial e de processos de independência que efetivamente não romperam laços de dependência ou os recriaram sobre outras formas. Em países como México, Brasil e Cuba, observou-se durante as décadas de 1950-90, os possíveis das relações da América Latina com os centros hegemônicos tanto em suas expressões de radicalidade quanto às de aprisionamento. As estratégias do estado mexicano, brasileiro e cubano a partir do final da Segunda Guerra Mundial são expressões desses possíveis dissonantes. É partido desse contexto que este estudo tenta discutir e depreender a relação dependência, independência e interdependência do continente latino-americano, assim como os dissonantes caminhos seguidos pelos movimentos sociais em países como o México, Brasil e Cuba, a partir da década de 1990.

Desse modo, esta pesquisa tem por objetivos analisar os movimentos sociais surgidos no México, Brasil e Cuba no contexto geopolítico mundial da década de 1990; identificar as diferenças e semelhanças entre os movimentos sociais, de caráter agrário (México), urbano (Brasil) e oposição ao Estado (Cuba); relacionar os movimentos sociais latino-americanos a cada país e suas conexões a realidade latino-americana no contexto da globalização; e por fim verificar limites e avanços desses movimentos sociais na crítica aos processos de hegemonia do capitalismo no período. A reflexão sobre o tema proposto para esta pesquisa parte do diagnóstico de que o panorama da região na atualidade parece reeditar, sob novas formas, o velho dilema da dependência. O trabalho tem como base à análise bibliográfica de livros, sendo utilizado artigos encontrados em revistas, jornais e internet como fontes complementares, e que tratam fundamentalmente dois temas: Movimentos Sociais e América Latina; este último tema se desdobra ainda na análise de textos sobre aspectos da realidade econômica, política e social contemporânea do México, Brasil e Cuba.

O estágio atual da pesquisa (Os Movimentos Sociais no México, Brasil e Cuba na década de 1990) apresenta como respostas preliminares algumas semelhanças e dissonâncias no processo das lutas sociais no contexto pós-Guerra Fria. A experiência agrária no México, de um lado, a urbana no Brasil, por outro, apontam caminhos distintos de luta, que, no devir, construíram contextos semelhantes no que tange a sua organização e emancipação, revelando, assim, os limites e os possíveis das lutas sociais na América Latina ao contexto geopolítico vigente a partir de 1990. A oposição ao estado cubano, revela uma especificidade na organização de um movimento social, à medida que, surge como uma contra-revolução, ou melhor, surge como oposição àquilo que estava vinculado as mudanças ou transformações da sociedade cubana a partir das ações do Estado.

Com o avanço e aprofundamento do processo de globalização e suas sucessivas crises econômicas, os países latino-americanos enfrentam o desafio de assegurar sua reinserção na economia mundial. Desafio que consiste principalmente em retomar o desenvolvimento econômico com justiça social. Pois, a América Latina esta marcada neste começo de século XXI pelo desemprego, pela exclusão social, pela falta de direitos e da debilidade dos regimes democráticos, e pelo descrédito nas instituições; mas também há uma fase marcada pela história de luta de populações e povos latino-americanos por dignidade, justiça social e pelo respeito a suas culturas e tradições, levadas adiante nas cidades e no campo, por movimentos sociais e políticos.

Os acontecimentos ocorridos no México, Brasil e Cuba – no decorrer do século XX, por exemplo, parecem representar bem esta idéia de vai e vem da história. Enquanto os dirigentes cubanos decidem promover uma efetiva revolução e promover profundas mudanças em Cuba, os dirigentes mexicanos e brasileiros optam pela contra-revolução e pela reedição de políticas novas com traços ou características de velhas políticas. Do lado oposto parece estar caminhado o Estado cubano, que desde o fim do século XIX e início XX, “lutava” pela consolidação de um Estado soberano. Mas, somente com Revolução de 1959 pode se observar, a possibilidade do rompimento com o Império, assim como uma efetiva independência. No entanto, com a emergência da Guerra Fria, logo se observaria a necessidade de rearticulação dos laços de dependência, ou melhor, de interdependência. Esse caso

seria observado entre Cuba e a então União Soviética, assim como entre os Estados Unidos e alguns países latino-americanos, como o Brasil e México.

A questão Chiapas no México, a luta pela moradia na cidade de São Paulo, no Brasil e a Oposição ao Estado cubano são movimentos que surgem no contexto de um mundo mundializado. Suas reivindicações são históricas, ou melhor, atravessam toda a constituição dos seus Estados. Esse é um dos elementos que mais os aproximam, a busca a partir da ação, ou melhor, de políticas públicas do Estado, para terem melhores condições ou acesso a terra, a moradia, a saúde, educação, a liberdade etc. É a emergência de um passando no presente, a real idéia de ausência e presença. Um vai e vem dos acontecimentos, ou melhor, da história. Outro elemento de aproximação, em particular, dos movimentos no México e no Brasil, esta na atuação da Igreja e de Partidos na formação e organização de suas bases. Fato que, com o passar dos anos, ou melhor, com a consolidação dos movimentos, tenta se distanciar, se não se desligar do movimento. Uma questão de importante relevância, à medida que, estes movimentos se pretendem portadores de uma emancipação humana.

No México a luta pelo acesso a terra para os indígenas e camponeses é movida por uma parte da população que teve sua história renegada ou marginalizada, no Brasil a luta pela moradia surge da formação de cidades construídas e desenvolvidas pela segregação. Já a oposição ao Estado cubano, parte da fragmentação de um modelo político mantido há décadas, mas também de motivações na geopolítica contemporânea. São movimentos portadores de avanços e recuos, conquistas e derrotas, desconfianças e interesses. Assim cada movimento social representa sua especificidade, à medida que, corresponde a um vai e vem, e um vira e volta da história, onde cada tempo reedita um momento ou situação histórica, ou melhor, um momento heterodoxo.

Os movimentos aqui analisados apresentam limites, que ora estão relacionadas ao seu tempo, as questões ou dificuldades que marcam sua história. E ora, estão relacionados aos seus objetivos, ou melhor, ao seu processo de constituição e consolidação como movimento social. Cada movimento desse surgiu a partir de um contexto e de uma necessidade, que com o decorrer dos anos vão se modificando ou transformado. Tentar compreender a dinâmica dos movimentos sociais, é a possibilidade de fazer uma reflexão que vá além do mero entendimento dos acontecimentos, que possibilite o desencadeamento dos diversos aspectos de uma realidade múltipla e contraditória e seja, também, instrumento de transformação dessa realidade. Pois, o mundo não é produto do acaso, mas sim de mãos humanas, resultado de todos os que, conscientemente ou não, na labuta diária, fazem a História. Sendo assim não existe apenas um caminho. Haverá quantos nós formas capazes de construir, sem pensar que estamos diante de uma inevitabilidade histórica, como se o mundo e a realidade social, tal como a entendemos ou conhecemos, não pudessem ser diferentes, modificados.

Observar os movimentos sociais latino-americanos é compreender a luta de um povo por justiça, dignidade e liberdade. A sua história é resultado direto das disputas que não estão fechadas, pois elas são permanentes. São partes da luta por um mundo onde haja tolerância, onde o respeito à pluralidade cultural esteja assegurado e a paz seja buscada. Esse mundo que aí está, gostemos ou não, diz um pouco do somos. Se este mundo não nos satisfaz, e nem de longe representa o mundo do que queremos, então é tarefa nossa lutar por um melhor, sem opressão, sem exploração, mais humano e democrático e, quiçá, alegre e esperançoso. Mas não basta esperar pelas mudanças ou transformações: é preciso reinventar o presente e construir um novo futuro para além das determinações econômicas, impostas e impregnadas por uma visão mercantil da vida e do mundo. Uma tarefa enfrentada e buscada pelos movimentos sociais, embora contenha suas contradições. Para Maria da Glória os movimentos sociais são:

[...] fluidos, fragmentados, perpassados por ouros processos sociais. Como numa teia de aranha eles tecem redes que se quebram facilmente, dada a sua fragilidade; como as ondas do mar que vão e voltam eles constroem ciclos na história, ora delineando fenômenos bem configurados, ora saindo do cenário e permanecendo nas sombras e penumbras, como névoa esvoaçante. Mas sempre presente (Gonh, 1997, p. 343).

Portanto o entendimento da luta dos movimentos sociais, assim como, do mundo em que vivemos requer informação, conhecimento, reflexão e uma boa dose de humanidade.

Referências Bibliográficas

- GALEANO, Eduardo. *As Vaías Abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos Movimentos Sociais – Paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 1997.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914 – 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- IANNI, Octavio. *A sociedade global*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1999.
- RUDÉ, George. *A outra história: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- SANTOS, Milton. *Globalização e espaço latino-americano*. São Paulo: Annablume, 2002.

Bolsa: BAAE